

O SIGNIFICADO DO NÃO AMAMENTAR PARA MÃES VIVENDO COM HIV: UMA REVISÃO INTEGRATIVA SOB A ÓTICA DA ENFERMAGEM

THE MEANING OF NOT BREASTFEEDING FORMONTHERS LIVING WITH HIV: AN INTEGRATIVE REVIEW FROM THE NURSING PERSPECTIVE

Luizy Mikaelly dos Santos
Verônica Sousa Bezerra Santos
Susiane Lima Feitosa

RESUMO

A infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) continua sendo um importante desafio para a saúde pública brasileira, especialmente quando afeta mulheres em idade fértil que, ao engravidarem, enfrentam a contraindicação da amamentação devido ao risco de transmissão vertical do vírus pelo leite materno. Este estudo teve como objetivo analisar os sentimentos e as práticas de mães vivendo com HIV em relação a não amamentação, a partir da literatura científica. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura nacional, realizada nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Periódicos CAPES, com recorte temporal de 2010 a 2024. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, a amostra final foi composta por seis artigos, complementada por referências adicionais relevantes. A análise dos estudos demonstrou que a impossibilidade de amamentar é vivenciada como uma experiência complexa, permeada por sentimentos de frustração, tristeza, culpa e estigmatização, sendo frequentemente interpretada como uma perda simbólica do papel materno. Além do impacto emocional, verificaram-se desafios práticos, como o acesso a fórmulas infantis, dificuldades socioeconômicas e barreiras relacionadas à rede de apoio familiar e institucional. Por outro lado, os resultados também evidenciaram que a orientação clara da equipe multiprofissional, o suporte psicológico e social e a educação em saúde no pré-natal constituem fatores protetores, capazes de favorecer a aceitação da não amamentação e reduzir a ansiedade materna. Conclui-se que a vivência da maternidade no contexto do HIV ultrapassa a dimensão biomédica, exigindo uma abordagem integral, humanizada e interdisciplinar que contemple não somente a prevenção da transmissão vertical, mas também o cuidado emocional e social das mulheres, de modo a assegurar o bem-estar materno-infantil e a adesão segura às medidas preventivas.

Palavras-chave: HIV; não amamentação; sentimentos maternos; práticas de cuidado; saúde pública.

ABSTRACT

Human Immunodeficiency Virus (HIV) infection remains a significant public health challenge in Brazil, especially when it affects women of childbearing age who, upon becoming pregnant, face contraindications to breastfeeding due to the risk of vertical transmission of the virus through breast milk. This study aimed to analyze the feelings and practices of mothers living with HIV regarding non-breastfeeding, based on the scientific literature. This is an integrative review of the national literature, conducted in the Virtual Health Library (VHL) and CAPES Periodicals databases, covering the period from 2010 to 2024. After applying the inclusion and exclusion criteria, the final sample consisted of six articles, supplemented by additional relevant references. The analysis of the studies demonstrated that the inability to breastfeed is experienced as a complex experience, permeated by feelings of frustration, sadness, guilt, and stigmatization, and is often interpreted as a symbolic loss of the maternal role. In addition to the emotional impact, practical challenges were identified, such as access to infant formula, socioeconomic difficulties, and barriers related to the family and institutional support network. On the other hand, the results also showed that clear guidance from the multidisciplinary team, psychological and social support, and prenatal health education constitute protective factors, capable of fostering acceptance of non-breastfeeding and reducing maternal anxiety. The conclusion is that the experience of motherhood in the context of HIV goes beyond the biomedical dimension, requiring a comprehensive, humanized, and interdisciplinary approach that encompasses not only the prevention of vertical transmission but also the emotional and social care of women, ensuring maternal and child well-being and safe adherence to preventive measures.

Keywords: HIV; non-breastfeeding; maternal feelings; care practices; public health.

Graduanda do curso de Bacharel em Enfermagem da Faculdade Raimundo Marinho (FRM) / E-mail: js6914729@gmail.com

Graduanda do curso de Bacharel em Enfermagem da Faculdade Raimundo Marinho (FRM) / E-mail: veronicasouza22@gmail.com

Enfermeira – orientadora do TCC – Docente da Faculdade Raimundo Marinho (FRM) – Curso de Enfermagem Especialista / E-mail: susilima.docinho@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) permanece como um importante desafio para a saúde pública brasileira, afetando significativamente a vida de milhares de mulheres em idade fértil (Brasil,2020).

De acordo com dados do Ministério da Saúde (2020), entre 2007 e junho de 2020, foram notificados 104.824 casos de infecção por HIV em mulheres, correspondendo a 30,6% do total de casos registrados no período, sendo que a maioria das transmissões ocorreu por via heterossexual. Esse cenário torna-se ainda mais complexo quando essas mulheres engravidam, uma vez que, devido ao risco de transmissão vertical do vírus pelo leite materno, são orientadas a não amamentar, contrariando as diretrizes amplamente disseminadas sobre os benefícios do aleitamento materno (Brasil,2020).

A amamentação, além de ser uma prática fortemente recomendada por organismos internacionais como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo Ministério da Saúde, possui um valor simbólico e cultural relevante, estando associada ao vínculo afetivo entre mãe e filho e à construção social da maternidade (Ministério da Saúde, s.d., p. 1).

No entanto, para mulheres vivendo com HIV, a contraindicação ao aleitamento impõe não somente um desafio de ordem prática, mas também emocional e simbólica, gerando sentimentos como culpa, frustração, medo e estigmatização. A impossibilidade de amamentar, portanto, não se resume à ausência de um ato biológico, mas à experiência de romper com uma expectativa social profundamente enraizada (Souza, 2015).

Em termos materiais, a investigação prioriza os aspectos subjetivos e sociais da não amamentação, afastando-se de abordagens clínicas ou biomédicas. Assim, são considerados temas como os sentimentos de culpa, estigma e frustração vivenciados pelas mães, bem como os desafios práticos relacionados ao acesso às fórmulas e à atuação dos profissionais de saúde. A delimitação subjetiva concentra-se nas experiências das próprias mães, sem incluir diretamente relatos de familiares, parceiros ou profissionais, exceto quando mencionados indiretamente nos estudos analisados (Souza, 2015).

Dessa forma, a questão norteadora da pesquisa é: Qual o significado do não amamentar para mães vivendo com HIV, sob a ótica da enfermagem? Considera-se,

como hipótese, que a não amamentação impõe efeitos emocionais profundos nas mães, associados a sentimentos de inadequação e sofrimento, além de gerar desafios relacionados ao acesso a recursos materiais, especialmente em contextos de vulnerabilidade socioeconômica. Ainda assim, acredita-se que estratégias individuais e institucionais de ressignificação da maternidade podem contribuir para o enfrentamento dessa realidade, promovendo adaptação e bem-estar (Lima *et al.*, 2019).

A justificativa para a realização deste estudo reside na necessidade de ampliar o entendimento sobre as experiências subjetivas das mulheres que vivem com HIV e que, em razão do seu diagnóstico, são privadas do direito de amamentar (Carvalho *et al.*, 2016).

Trata-se de um recorte ainda pouco explorado na literatura científica, que exige um olhar sensível e humanizado, capaz de contribuir com a formulação de políticas públicas mais inclusivas e com práticas de cuidado que respeitem as singularidades dessas mães. Além disso, como estudantes do curso de Enfermagem da Faculdade Raimundo Marinho, compreende-se que esta investigação dialoga diretamente com a formação profissional, ao proporcionar reflexões éticas, técnicas e humanas sobre o cuidado integral à mulher, o acolhimento no contexto da maternidade e o enfrentamento do estigma associado ao HIV.

Espera-se, ao final da pesquisa, oferecer subsídios relevantes para o campo da saúde pública e da enfermagem, promovendo avanços no cuidado às mulheres soropositivas, na construção de políticas mais sensíveis às suas realidades e na redução das desigualdades e estigmas que ainda persistem em relação a não amamentação.

Dessa forma, o presente trabalho visa analisar o significado atribuído por mães vivendo com HIV a não amamentação, sob a ótica da enfermagem, com base na literatura científica.

2.REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A Amamentação e o Desafio do HIV: Uma Perspectiva Multidimensional

A revisão bibliográfica que fundamenta o presente estudo evidencia que o aleitamento materno é amplamente reconhecido por seus benefícios no desenvolvimento infantil e na consolidação do vínculo afetivo entre mãe e filho. Contudo, quando se trata de gestantes portadoras do HIV, a prática do aleitamento é desaconselhada como estratégia de prevenção da transmissão vertical do vírus, sendo considerada medida essencial para proteger o lactente (Carvalho *et al.*, 2016).

Estudos revelam que essa contraindicação, embora necessária sob a ótica biomédica, gera um cenário complexo, que transcende a dimensão clínica e envolve questões culturais, sociais e emocionais. No Brasil, as diretrizes do Ministério da Saúde orientam que mulheres vivendo com HIV não amamentam seus filhos e, para isso, devem receber gratuitamente fórmulas infantis pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Essa medida é fundamental para a prevenção da transmissão, mas impõe novos desafios para as mães, que precisam adaptar-se a uma maternidade diferente daquela socialmente idealizada (Lima *et al.*, 2019).

Além disso, estudos apontam que mulheres vivendo com HIV enfrentam, muitas vezes, situações de estigma e discriminação, que podem ser intensificadas pelo fato de não amamentarem seus filhos. Em sociedades onde o aleitamento é esperado, a ausência dessa prática pode levantar questionamentos por parte da família e da comunidade, expondo a mulher ao risco de revelar involuntariamente sua condição sorológica. Esse contexto contribui para o aumento da vulnerabilidade emocional e social dessas mães, exigindo que o cuidado em saúde vá além das dimensões clínicas, abrangendo também apoio psicológico e social (Alvarenga *et al.*, 2019).

Outro aspecto relevante é o desafio da substituição do leite materno por fórmulas infantis, embora, o SUS garanta esse direito, barreiras ainda persistem no acesso, especialmente em regiões de vulnerabilidade social. Questões como insegurança alimentar, dificuldade de transporte para buscar os insumos, precariedade de saneamento básico e desconhecimento sobre o preparo seguro das fórmulas podem comprometer a saúde da criança e anular os benefícios da

política pública. Além disso, o custo emocional e financeiro para a família, aliado às dificuldades logísticas, gera sobrecarga para a mãe, que já enfrenta os desafios de uma maternidade marcada pela soropositividade (Galvão *et al.*, 2010).

Dessa forma, o debate em torno da amamentação e HIV deve ser conduzido sob uma perspectiva ampliada, que considere a complexidade da experiência materna nesse contexto. A análise crítica desse fenômeno permite compreender que a saúde integral da mulher e da criança depende de intervenções que articulem prevenção, apoio psicossocial e políticas públicas eficazes, garantindo que o direito à maternidade seja vivido com dignidade, segurança e acolhimento.

2.1 Implicações Psicossociais da Não Amamentação em Mães com HIV

Segundo Mendes (2008), a interrupção do aleitamento, embora necessária do ponto de vista preventivo, pode ocasionar impactos emocionais significativos, como sentimentos de culpa, frustração e isolamento, pois o ato de amamentar está intrinsecamente relacionado à construção da identidade materna e às expectativas culturais acerca da maternidade. Essa tensão entre o desejo natural de amamentar e as recomendações médicas impõem desafios que transcendem o aspecto biológico, afetando profundamente a esfera psicossocial das mães.

Esse conflito é descrito como um enfrentamento entre dois desejos fundamentais: proteger a saúde do filho e realizar o papel materno conforme as expectativas culturais (Zapparoli *et al.*, 2016). Essa tensão pode levar ao isolamento social, uma vez que muitas mães evitam expor-se ao julgamento de familiares e amigos, temendo que a não amamentação revele seu diagnóstico sorológico (Faria e Piccinini, 2010). Além disso, o estigma associado ao HIV ainda é fortemente presente na sociedade, contribuindo para sentimentos de discriminação e solidão. Além disso, o estigma associado ao HIV ainda é fortemente presente na sociedade, contribuindo para sentimentos de discriminação e solidão, reforçando a vulnerabilidade emocional dessas mulheres (Galvão *et al.*, 2010).

As implicações psicossociais da não amamentação também estão

relacionadas ao impacto na autoimagem materna. Para muitas mulheres, o aleitamento é símbolo de cuidado, entrega e vínculo, e a impossibilidade de vivenciar essa experiência pode ser interpretada como falha no exercício da maternidade. Esse processo pode desencadear sofrimento psíquico, associado ao medo constante do julgamento externo, levando a quadros de ansiedade, depressão e até dificuldades no estabelecimento de vínculos afetivos com a criança (Galvão *et al.*, 2010),

Outro ponto relevante é a influência das pressões sociais e familiares. Em contextos onde a amamentação é fortemente valorizada, a ausência desse comportamento pode suscitar questionamentos, críticas e cobranças, gerando situações de estresse para a mãe. Muitas vezes, essas mulheres optam por esconder a verdadeira razão da não amamentação, construindo explicações alternativas, reforçando o peso do segredo e intensifica o sofrimento subjetivo (Alvarenga *et al.*, 2019).

Nesse cenário, torna-se indispensável o papel dos serviços de saúde em oferecer acolhimento integral. O acompanhamento psicossocial é fundamental para auxiliar essas mães no enfrentamento da culpa e do estigma, promovendo espaços de escuta qualificada e apoio emocional. Estratégias de humanização no cuidado, aliadas à oferta de informação clara e apoio social, podem contribuir para reduzir os impactos negativos da não amamentação, garantindo maior bem-estar para mãe e filho (Brasil, 2021).

Assim, compreende-se que as implicações psicossociais da não amamentação em mães vivendo com HIV não se limitam ao âmbito individual, mas se estendem ao campo social e cultural. Trata-se de um fenômeno complexo, que evidencia a necessidade de políticas públicas e práticas de saúde sensíveis às múltiplas dimensões da maternidade, de modo a assegurar que essas mulheres tenham condições de vivenciar o cuidado materno de forma plena e digna, mesmo diante das limitações impostas pela soropositividade (Faria e Piccinini, 2010).

2.2 Fatores Socioeconômicos e o Suporte Institucional no Contexto da Maternidade com HIV

As dificuldades enfrentadas por mães soropositivas não se limitam ao aspecto psicológico, mas também a aspectos socioeconômicos e estruturais que

desempenham um papel determinante nessa realidade. A dependência do SUS para o fornecimento de fórmulas lácteas, a falta de recursos para a compra de utensílios adequados (como mamadeiras e esterilizadores) e os desafios no preparo seguro do alimento representam obstáculos significativos para as mães infectadas (Alves *et al.*, 2020; Machado *et al.*, 2021).

Em muitos casos, a interrupção do aleitamento materno expõe a família a gastos adicionais e à insegurança alimentar, aumentando a vulnerabilidade dessas mulheres. Estudos apontam que a vulnerabilidade socioeconômica intensifica os obstáculos para a adesão às recomendações de não amamentação. A ausência de recursos financeiros para a compra de utensílios adequados, como mamadeiras, esterilizadores e até mesmo gás de cozinha ou água potável, coloca em risco a segurança alimentar da criança, expondo-a a infecções gastrointestinais e desnutrição (Carvalho, 2015; Cunga *et al.*, 2022). Dessa forma, embora a política pública garanta a substituição do leite materno, nem sempre as condições práticas para a implementação desse cuidado são asseguradas, revelando a interdependência entre os determinantes sociais da saúde e os desfechos clínicos no contexto do HIV materno-infantil.

A literatura evidencia ainda que a vulnerabilidade socioeconômica das mulheres soropositivas está associada ao aumento do risco de transmissão vertical do HIV, especialmente quando o acesso aos serviços de saúde é limitado ou marcado por falhas na continuidade do acompanhamento (Hoffmann *et al.*, 2016; Nishimoto *et al.*, 2005). A efetividade das medidas preventivas, como o uso da terapia antirretroviral durante a gestação, a supressão do aleitamento e a realização do parto em condições adequadas, depende não somente do conhecimento técnico, mas também da existência de políticas públicas que assegurem acesso universal e igualitário (Lenzi *et al.*, 2013; Vallory, 2020).

Além dos fatores materiais, destaca-se a importância do suporte institucional e multiprofissional para essas mães. O acompanhamento clínico isolado não é suficiente, sendo necessária a integração de equipes de saúde que incluam médicos, enfermeiros, psicólogos e assistentes sociais, de modo a contemplar as dimensões biológicas, sociais e emocionais da maternidade com HIV (Cartaxo *et al.*, 2013; Souza *et al.*, 2024). A ausência de uma rede de apoio robusta pode intensificar sentimentos de abandono e desamparo, reduzindo a adesão às orientações médicas e fragilizando a confiança das mulheres no

sistema de saúde (Dietz *et al.*, 2021; Silva *et al.*, 2022).

Nesse sentido, o não aleitamento materno em mães soropositivas deve ser analisado sob a ótica das desigualdades sociais e da capacidade das instituições de saúde em oferecer suporte integral. A associação entre vulnerabilidade socioeconômica e maternidade no contexto do HIV evidencia que a prevenção da transmissão vertical não pode ser reduzida a protocolos clínicos, mas deve ser compreendida como um processo complexo, que exige políticas intersetoriais de combate à pobreza, fortalecimento da rede de atenção básica e promoção de práticas de cuidado humanizado (Souza, 2018).

Assim, torna-se evidente que a efetividade das estratégias de prevenção da transmissão materno-infantil do HIV depende tanto da adesão às recomendações biomédicas quanto da superação de barreiras sociais, econômicas e institucionais. A compreensão dessa realidade reforça a necessidade de um olhar ampliado para a maternidade soropositiva, no qual o suporte institucional e a equidade no acesso a recursos de saúde sejam considerados elementos centrais para a promoção do bem-estar materno-infantil (Dietz *et al.*, 2021; Silva *et al.*, 2022; Lenzi *et al.*, 2013; Vallory, 2020).

2.3 A Necessidade de Políticas Públicas Humanizadas e Integrals

Frente às múltiplas implicações decorrentes da não amamentação em mães soropositivas, torna-se evidente que as políticas públicas voltadas ao HIV e à maternidade não devem restringir-se somente à prevenção da transmissão vertical do vírus, mas também precisam abarcar o cuidado integral e humanizado. Isso implica reconhecer que a maternidade, nesse contexto, é atravessada por dimensões emocionais, sociais e culturais que exigem atenção específica e sensível por parte do sistema de saúde (Zapparoli *et al.*, 2016).

Estratégias como a criação de grupos de apoio, de fortalecimento de redes de cuidado comunitário e a oferta de acompanhamento psicológico contínuo são fundamentais para reduzir os impactos negativos da não amamentação e promover a qualidade de vida a essas mulheres (Zapparoli *et al.*, 2016; Souza, 2018).

Outro aspecto relevante diz respeito à capacitação das equipes de saúde,

os profissionais priorizam frequentemente outras áreas de especialização da enfermagem, deixando em segundo plano uma das áreas mais importantes hoje em dia, a área que trabalha os efeitos psicossociais que recaem sobre essas mães que por terem HIV ficam impossibilitadas de amamentar (Faria e Piccinini, 2010).

A literatura aponta a necessidade de qualificação das equipes para oferecer orientações claras, acolhedoras e livres de julgamentos, de modo a possibilitar que as mulheres ressignifiquem sua experiência materna, construindo vínculos afetivos com seus filhos mesmo sem a prática da amamentação (Faria e Piccinini, 2010; Zapparoli *et al.*, 2016). Esse acolhimento qualificado é um elemento central na humanização da assistência, ao contribuir para reduzir sentimentos de culpa e isolamento que frequentemente acompanham a maternidade no contexto do HIV.

Além disso, a literatura reforça necessário ampliar a capacitação das equipes de saúde para lidar com os aspectos psicossociais da não amamentação, garantindo orientações claras e acolhimento sem julgamentos. Esse processo é fundamental para as mulheres conseguirem ressignificar sua experiência materna, construindo um vínculo saudável com o bebê, mesmo sem a prática da amamentação (Souza, 2018).

Outro ponto relevante na discussão é o peso cultural atribuído à amamentação como rito de passagem para a maternidade. No Brasil, campanhas públicas exaltam frequentemente o aleitamento como ato de amor e responsabilidade, intensificando o sofrimento de mulheres impossibilitadas de amamentar. Assim, ressignificar a maternidade é um desafio que exige suporte psicológico e social, além da desconstrução de preconceitos (Faria e Piccinini, 2010; Zapparoli *et al.*, 2016).

Compreender essas experiências sob uma perspectiva multidimensional, que articule as dimensões da enfermagem, psicológica, social e cultural, é imprescindível para a formulação de políticas públicas mais inclusivas. Isso significa assumir que o enfrentamento da transmissão vertical do HIV não pode ser desvinculado do cuidado humanizado e do combate ao estigma, demandando uma atuação conjunta entre Estado, profissionais de saúde e a sociedade. Dessa forma, promove-se não somente a prevenção da infecção, mas também a garantia dos direitos reprodutivos e da dignidade materna (Faria e Piccinini, 2010;

Zapparoli *et al.*, 2016; Souza, 2018).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura nacional, que aborda a relação entre a amamentação e mulheres lactantes portadoras do vírus HIV. De acordo com Dantas *et al.* (2022), a revisão integrativa é um dos métodos de pesquisa utilizados na Prática Baseada em Evidências (PBE), permitindo a incorporação dos achados científicos na prática clínica. Esse tipo de revisão visa reunir e sintetizar os resultados de pesquisas já publicadas sobre um tema específico, de forma sistemática e ordenada, contribuindo assim para o aprofundamento do conhecimento na área investigada (Dantas *et al.* 2022)

A seleção dos artigos foi realizada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e no portal de periódicos da CAPES, utilizando os seguintes descritores: “HIV”, “gestantes”, “aleitamento materno” e “transmissão”. Foram incluídas publicações disponíveis na íntegra, no idioma português, inglês que respondessem à pergunta norteadora da pesquisa: Qual o significado do não amamentar para mães vivendo com HIV, sob a ótica da enfermagem?

Para a seleção dos estudos que compõem esta pesquisa, foram adotados critérios de inclusão e exclusão bem definidos. Foram incluídos os trabalhos que estavam disponíveis na íntegra, redigidos no idioma português e que abordassem diretamente a relação entre a amamentação e mulheres lactantes portadoras do vírus HIV. Além disso, foi estabelecido um recorte temporal, sendo consideradas somente as publicações realizadas entre os anos de 2010 e 2024.

Consequentemente, foram excluídos da amostra os artigos que não estavam disponíveis em sua totalidade, bem como publicações em outros idiomas. Também foram desconsiderados os estudos que não tratavam especificamente da temática da amamentação em lactantes portadoras de HIV e aqueles que estavam fora do período estipulado, ou seja, publicados antes de 2010 ou após 2024.

O recorte temporal adotado foi de 2010 a 2024, considerando como marco inicial o ano de 2009, que foi o ano da criação do Protocolo Clínico de Prevenção da Transmissão Vertical do HIV pelo Ministério da Saúde, para nortear a investigação, definiu-se como tema central a infecção pelo vírus HIV.

Para a coleta de dados, foram inicialmente definidas as seguintes variáveis: autor principal, ano, tipo da pesquisa, título, objetivo e desfechos. Com base nessas variáveis, foi elaborado um instrumento de coleta visando facilitar e direcionar a análise dos estudos selecionados, vale ressaltar que através deles será desenvolvida a discussão da presente revisão integrativa. Este instrumento pode ser visto no Quadro 1 abaixo:

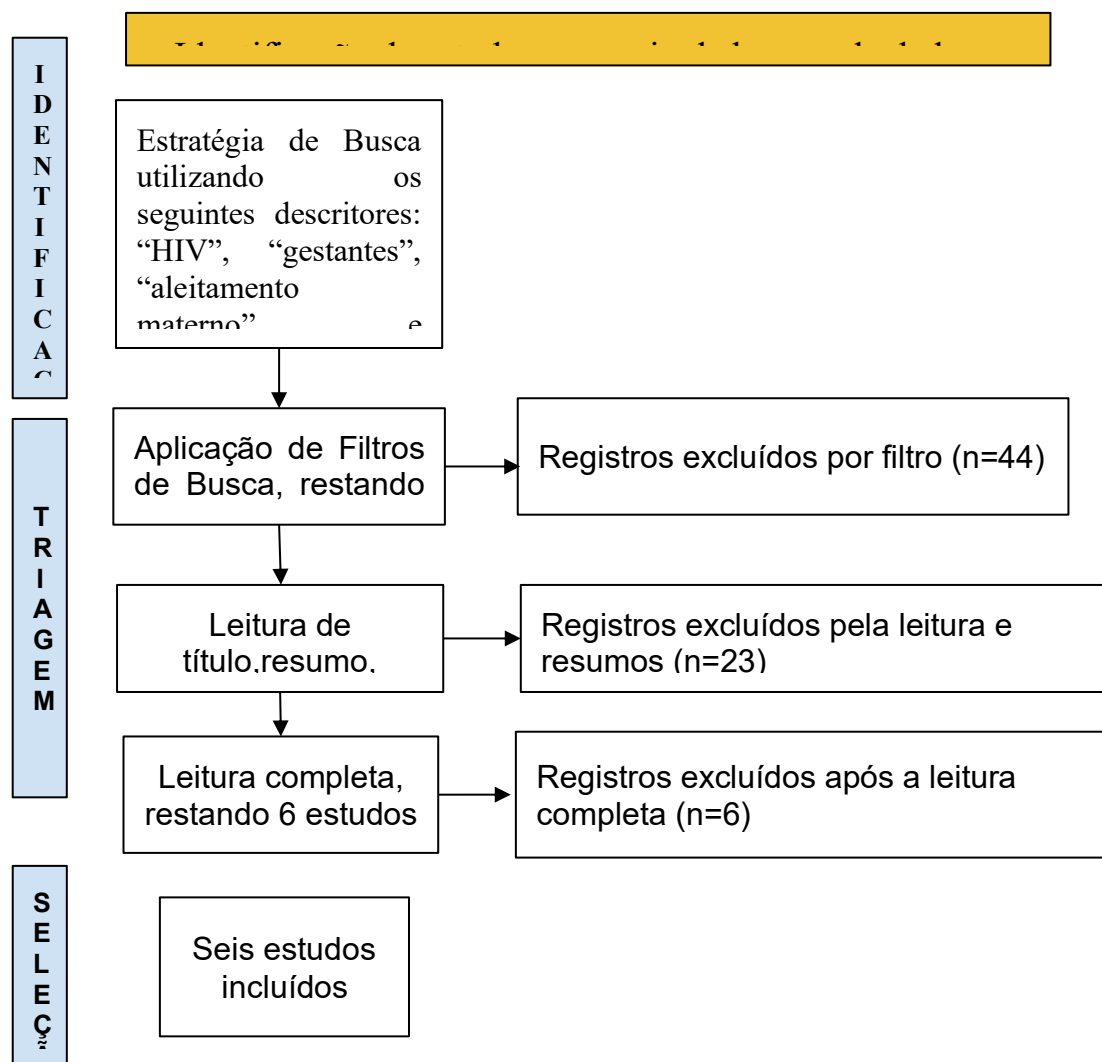
Quadro 1: Metodologia delimitante utilizada para organização de artigos científicos.

AUTOR PRINCIPAL/ ANO	TIPO DA PESQUISA	TÍTULO	OBJETIVO	DESFECHO

Fonte: Próprios autores, 2025

Para complementar o processo de seleção dos estudos e garantir a transparência metodológica da revisão integrativa, foi elaborado um fluxograma representando todas as etapas de identificação, triagem e seleção. O fluxograma sintetiza visualmente o percurso realizado desde a busca inicial nas bases de dados até a seleção final dos estudos que compuseram a amostra da revisão. Nele, são apresentados o número total de registros encontrados, a quantidade de artigos excluídos e o total de artigos incluídos para análise.

Esse fluxograma, apresentado no Figura 1, permite uma compreensão objetiva do rigor adotado no processo de filtragem dos estudos e assegura a reprodutibilidade da metodologia aplicada.



4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao todo, foram encontrados 67 artigos durante a busca nas bases de dados da BVS, já na Capes foram encontrados 12 artigos. No entanto, após a leitura dos títulos e resumos alguns estudos foram excluídos por não atenderem aos critérios de inclusão estabelecidos, dessa forma, a amostra final foi composta por 6 artigos que abordavam diretamente a temática da proposta, vale ressaltar que artigos complementares adicionados também seguiram os critérios estabelecidos na metodologia, somente vieram de outras bases de dados.

O Quadro único (Quadro 1) a seguir apresenta a metodologia delimitante e a síntese dos resultados dos artigos selecionados que compõem esta revisão integrativa, organizados conforme os critérios previamente definidos. O quadro

consolida as principais informações de cada estudo, incluindo autor principal, ano de publicação, profissão dos autores, tipo de pesquisa, título, objetivo e desfecho.

A disposição sistemática desses dados possibilita uma análise comparativa entre os estudos, favorecendo a identificação de tendências, convergências e lacunas no conhecimento sobre a não amamentação entre mães vivendo com HIV. Além disso, permite compreender os diferentes enfoques teóricos e metodológicos adotados, contribuindo para uma visão integrada do fenômeno investigado sob a ótica da enfermagem, segue abaixo o Quadro 1:

Quadro 1: Metodologia delimitante utilizada para organização e síntese dos estudos selecionados para a revisão integrativa

AUTOR PRINCIPAL	TIPO DA PESQUISA	TÍTULO	OBJETIVO	DESFECHO
Kleinubing <i>et al.</i> , 2014	Enfermagem	Puérperas soropositivas para o HIV: como estão vivenciando a não amamentação	Compreender a experiência de puérperas soropositivas diante da impossibilidade e de amamentar	As participantes relataram sentimentos de frustração, tristeza e estigma. A não amamentação foi vivenciada como uma perda simbólica da maternidade. Destacou-se a importância do suporte psicológico e da orientação clara da equipe de saúde para reduzir a angústia e fortalecer a adesão às medidas preventivas
Vallory (2020)	Enfermagem	Transmissão vertical do HIV: um estudo de caso	Relatar um caso clínico de prevenção da transmissão vertical do HIV	O estudo de caso evidenciou a eficácia das medidas preventivas adotadas quando há acompanhamento multiprofissional adequado. Mostrou que adesão ao tratamento e apoio contínuo são decisivos para o êxito na prevenção

Lima, Rego, Moraes (2019)	Enfermagem	Não aleitamento materno em mulheres soropositivas	Analisar os motivos e implicações do não aleitamento em mulheres soropositivas	As participantes destacaram sentimentos de perda e tristeza pela impossibilidade de amamentar, mas também reconhecimento da importância da medida preventiva. O estudo apontou impacto psicológico relevante, reforçando a necessidade de apoio familiar e profissional
Cartaxo, Diniz, Nascimento (2013)	Psicologia	Aleitamento materno: a visão de puérperas soropositivas para HIV e HTLV quanto a não amamentação	Analisar a visão de puérperas soropositivas para HIV e HTLV frente à impossibilidade de amamentar	O estudo destacou sentimentos ambíguos de proteção ao filho versus frustração pessoal. Evidenciou impacto emocional negativo, mas também estratégias de enfrentamento baseadas em apoio familiar, religioso e nos serviços de saúde
Faria, Piccini (2010)	Psicologia	Gestantes portadoras de HIV/AIDS: aspectos psicológicos sobre a prevenção da transmissão vertical	Investigar os aspectos psicológicos vivenciados por gestantes soropositivas diante das orientações de prevenção	Revelou sentimentos de medo, incerteza e culpa, mas também resiliência diante das medidas preventivas. Destacou que o apoio psicológico favorece adesão ao tratamento e redução da ansiedade materna
Zapparoli, Santos, Rubio (2016)	Enfermagem	Maternidade e no contexto do HIV/AIDS: gestação e terceiro mês de vida do bebê	Analisar a experiência da maternidade no contexto do HIV/AIDS, da gestação até o terceiro mês de vida da criança	Identificou intenso sofrimento psicológico, associado ao estigma e às preocupações com a saúde do bebê. Acompanhamento até o terceiro mês mostrou que apoio multiprofissional e rede de suporte social

				são fundamentais para reduzir o impacto emocional
--	--	--	--	---

Fonte: Próprios autores, 2025

A análise dos estudos incluídos no Quadro 1 evidencia uma produção científica diversificada, tanto em relação às áreas de formação dos autores quanto às abordagens metodológicas e aos tipos de publicações. Observa-se que, embora com enfoques distintos, os trabalhos convergem na compreensão dos impactos emocionais, simbólicos e sociais do não aleitamento entre mães vivendo com HIV, ressaltando a importância do suporte multiprofissional e, especialmente, do papel da enfermagem no cuidado e acolhimento dessas mulheres.

No que se refere às profissões dos autores, observa-se predominância da Enfermagem e da Psicologia. Essa distribuição reflete a centralidade da Enfermagem no cuidado materno-infantil e na prevenção da transmissão vertical do HIV, além da contribuição significativa da Psicologia na análise dos impactos emocionais e sociais vivenciados por gestantes e puérperas soropositivas.

Em relação ao método utilizado, predominaram os estudos qualitativos, em especial com abordagem fenomenológica e descritiva, revelando a preocupação dos pesquisadores em compreender os significados subjetivos atribuídos pelas mulheres ao processo de não amamentação.

Tal escolha metodológica é coerente com a natureza do fenômeno investigado, fortemente marcado por sentimentos, vivências pessoais e construções sociais. Também foram identificados estudos quantitativos, transversais e um estudo de caso, bem como revisões integrativas, evidenciando uma combinação de estratégias metodológicas que, em conjunto, oferecem uma visão ampla sobre o tema.

Quanto à qualificação das produções, verificou-se que a maioria corresponde a artigos publicados em periódicos científicos, assegurando a disseminação do conhecimento em âmbito acadêmico e profissional. Contudo, parte dos trabalhos foi identificada como dissertações ou teses, indicando que a investigação da temática também constitui objeto relevante de pesquisa em programas de pós-graduação.

De forma geral, os dados apontam que o tema da amamentação em

mulheres soropositivas para o HIV tem sido explorado predominantemente sob uma perspectiva qualitativa, com forte protagonismo da Enfermagem, mas também com contribuições interdisciplinares relevantes.

Essa predominância metodológica permite aprofundar a compreensão dos aspectos emocionais, sociais e culturais envolvidos, embora indique a necessidade de ampliar investigações com delineamentos quantitativos e longitudinais, capazes de oferecer dados comparativos, de prevalência e de impacto das intervenções em saúde.

A análise dos estudos incluídos nesta revisão integrativa representadas pelo Quadro 1 evidencia que a impossibilidade de amamentar em mulheres soropositivas com o HIV configura-se como um fenômeno permeado por múltiplas dimensões, envolvendo aspectos emocionais, sociais, culturais e clínicos.

A literatura é consistente ao demonstrar que o aleitamento materno, culturalmente valorizado como símbolo de cuidado e o vínculo materno-infantil, quando negado por motivos de prevenção da transmissão vertical do HIV, gera repercussões significativas na vivência da maternidade.

Diversos trabalhos (Kleinubing, 2014; Lima, 2019; Cartaxo, 2013; Faria, 2010; Zapparoli, 2016) mostraram que a não amamentação é vivenciada como uma experiência de perda simbólica da maternidade. As participantes relataram sentimentos de tristeza, frustração, impotência e ambivalência entre o desejo de nutrir e a necessidade de proteger o filho. Essa experiência, portanto, ultrapassa o caráter técnico da medida preventiva e se apresenta como uma ruptura identitária para a mulher, que se vê privada de um papel culturalmente reconhecido e valorizado.

Outro aspecto recorrente foi o impacto psicológico, alguns estudos como os de Kleinubing (2014), Cartaxo (2013) e Faria (2010) evidenciaram que sentimentos de medo, culpa e angústia estiveram associados ao processo de não amamentar, sendo frequentemente intensificados pelo estigma social. O receio do julgamento e da revelação involuntária do diagnóstico destacou-se como um dos fatores mais marcantes no sofrimento materno.

O papel da equipe multiprofissional também foi amplamente reconhecido, em seus estudos Faria (2010), Kleinubing (2014), Lima (2019) e Vallory (2020) ressaltaram que o apoio psicológico, a escuta qualificada e o

acompanhamento contínuo são decisivos para reduzir a ansiedade e fortalecer a resiliência materna. Além disso, Vallory (2020) demonstrou que, quando há adesão ao tratamento e acompanhamento multiprofissional adequado, as medidas de prevenção da transmissão vertical são eficazes, garantindo segurança clínica ao bebê.

A revisão integrativa de Zapparoli (2016) reforçou que o dilema entre amamentar e proteger o filho é uma das questões mais desafiadoras na vivência dessas mulheres, produzindo intenso sofrimento emocional. Essa revisão apontou ainda a necessidade de ampliar as estratégias de acolhimento, educação em saúde e acompanhamento psicológico como parte fundamental da assistência.

Além disso, trabalhos de natureza mais clínica (Vallory, 2020; Lima; Rêgo; Moraes, 2019) confirmam a eficácia das medidas de prevenção da transmissão vertical quando há adesão ao tratamento e acompanhamento multiprofissional adequado. Contudo, ainda que os indicadores clínicos sejam positivos, os estudos qualitativos revelam que o sofrimento subjetivo das gestantes permanece um desafio, indicando a necessidade de intervenções que integrem cuidado biomédico e suporte psicossocial.

Assim, os achados desta revisão demonstram que a não amamentação em mulheres soropositivas para o HIV não deve ser compreendida somente sob a ótica biomédica, mas como uma experiência complexa que exige abordagem integral. O fortalecimento de políticas públicas, a implementação de práticas educativas contínuas no pré-natal e a ampliação do suporte psicológico e social às gestantes e puérperas configuram-se como estratégias fundamentais para minimizar os impactos negativos identificados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão integrativa permitiu analisar, de forma sistematizada, os sentimentos e práticas de mães vivendo com HIV frente à impossibilidade de amamentar, evidenciando que essa experiência constitui um fenômeno complexo, permeado por dimensões emocionais, sociais, culturais e clínicas.

A partir da literatura científica, foi possível constatar que o não amamentamento é abordado predominantemente sob a perspectiva qualitativa, com forte protagonismo da Enfermagem, mas também com contribuições

relevantes da Psicologia e outras áreas da Saúde. Os estudos analisados evidenciam que a impossibilidade de amamentar não se restringe a uma medida preventiva de transmissão vertical do HIV, mas repercute intensamente na vivência da maternidade, gerando sentimentos de frustração, tristeza, impotência e perda simbólica do papel materno. Além disso, o estigma social e o medo do julgamento aumentam o sofrimento das mulheres, reforçando a necessidade de abordagens interdisciplinares e humanizadas.

Em relação às práticas adotadas pelas mães, a literatura evidencia estratégias de enfrentamento centradas no cuidado alternativo da criança, no apoio familiar, religioso e comunitário, bem como na adesão rigorosa às orientações médicas para prevenção da transmissão vertical. Os estudos demonstram que, apesar do impacto emocional negativo, a orientação adequada e o suporte multiprofissional como, por exemplo, a inclusão do acompanhamento psicológico e a educação em saúde durante o pré-natal, favorecem a aceitação da medida, reduzem a ansiedade materna e promovem maior segurança na adoção de práticas alimentares alternativas para os filhos.

Assim, os objetivos específicos do estudo foram contemplados: verificou-se que a literatura científica aborda amplamente o tema do não amamentamento em mães vivendo com HIV; identificaram-se os principais sentimentos vivenciados; exploraram-se as práticas adotadas para alimentar os filhos; e compreendeu-se o papel essencial da orientação e do suporte profissional na adaptação das mães.

Em termos de contribuições, este estudo reforça a importância de políticas públicas e protocolos de atenção integral que considerem não somente a prevenção biomédica da transmissão do HIV, mas também o cuidado emocional e social das mulheres. Destaca-se, ainda, a necessidade de ampliar a produção científica com delineamentos quantitativos e longitudinais que possibilitem a avaliação de impactos de intervenções de suporte, bem como estratégias culturais e sociais de acolhimento, garantindo práticas seguras e humanizadas para mães e filhos.

Por fim, conclui-se que a experiência da não amamentação em mães vivendo com HIV é um fenômeno multifacetado, que exige uma abordagem interdisciplinar, sensível às dimensões emocionais e sociais, de modo a promover o bem-estar materno-infantil e a adesão segura às medidas

preventivas.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, W.A; NASCIMENTO, L. C; LEAL, C. L; SILVA, J. O.; AHLERS, C; WACHHOLZ, P. A. Mothers living with HIV: replacing breastfeeding by infant formula. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 72, supl. 3, p. 73-79, 2019. DOI: 10.1590/0034-7167-2018-0518. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/R7QrnRQ5GRGNnrky9WdZm4q/>. Acesso em: 6 set. 2025.
- ALVES, L. H. D; SANTOS, W. M; MATOS, G. X; MOURA, J. P; MELO, C. Oliveira. PROTOCOLO CLÍNICO E DIRETRIZES TERAPÊUTICAS: Um aliado na prevenção da transmissão vertical do HIV. **Revista Eixos Tech**, v. 6, n. 1, 2020. DOI: 10.18406/2359-1269v6n12019229. Disponível em: <https://doi.org/10.18406/2359-1269v6n12019229>. Acesso em: 6 set. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim epidemiológico HIV/AIDS 2020. Brasília: **Ministério da Saúde**, 2020. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2020/boletim-hiv_aids-2020-internet.pdf. Acesso em: 04 mar. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para manejo da infecção pelo HIV em adultos. Brasília: **Ministério da Saúde**, 2022. Disponível em: [Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Manejo da Infecção pelo HIV em Adultos — Departamento de HIV, Aids, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis](#) Acesso em: 06 set. 2025.
- CARTAXO, C. M. B; DINIZ, C. M. M; NASCIMENTO, C. A. D. Gestantes portadoras de HIV/AIDS: aspectos psicológicos sobre a prevenção da transmissão vertical. **Estudos de Psicologia** (Natal), v. 18, n. 3, p. 419-427, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1413-294x2013000300002>.
- CARVALHO, J. L. S; CIRINO, I. P; LIMA, L. H. O; SOUSA, A. F; CARVALHO, M. F; OLIVEIRA, E. A. R. Conhecimento das mães sobre aleitamento materno exclusivo e alimentação complementar. **Saúde em Redes**, v. 2, n. 4, p. 383-392, 2016. DOI: <https://doi.org/10.18310/2446-4813.2016v2n4p383-392>.
- CARVALHO, P. M. G. Vulnerabilidade de crianças expostas ao HIV/Aids por transmissão vertical, Piauí, Brasil. 2015. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – **Universidade de São Paulo**, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7141/tde-27052015-152506/>. Acesso em: 6 set. 2025.
- CUNGA, I. V. A; SOUZA, B. B; ROSA, C. M. A; ISER, B. P. M; SCHUELTER-TREVISOL, F. Fatores de risco para a soroconversão de crianças expostas ao HIV no Estado de Santa Catarina, 2007-2017. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 22, n. 3, p. 577-584, 2022. DOI: 10.1590/1806-9304202200030008. Disponível em: [SciELO Brasil - Risk factors for seroconversion of HIV among children exposed in the State of Santa Catarina, 2007-2017 Risk factors for seroconversion of HIV among children exposed in the State of Santa Catarina, 2007-2017](#). Acesso em: 6 set. 2025.

DANTAS, H. L. L.; COSTA, C. R. B.; COSTA, L. M. C.; LÚCIO, I. M. L.; COMASSETTO, I. Como elaborar uma revisão integrativa: sistematização do método científico. *Revista Recien – Revista Científica de Enfermagem*, v. 12, n. 37, p. 334-345, 2022. DOI: 10.24276/rrecien2022.12.37.334-345. Disponível em: <https://recien.com.br/index.php/Recien/article/view/575>. Acesso em: 21 nov. 2025.

DIETZ, J. C; BORGES, M. S; OLIVEIRA, D. L; GOMES, J. G; MANRIQUE, E, J. C. Adolescentes e adultas jovens e a transmissão materno-infantil do HIV. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, p. e20410111440, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i1.11440. Disponível em: [Adolescents and young adults and mother-to-child transmission of HIV | Research, Society and Development](https://doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11440). Acesso em: 6 set. 2025.

FARIA, E. R; PICCININI, C. A. Maternidade no contexto do HIV/AIDS: gestação e terceiro mês de vida do bebê. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 27, n. 2, p. 147-159, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-166x2010000200002>.

GALVÃO, M. T. G; CUNHA, G. H; MACHADO, M. M. T. Dilemas e conflitos de ser mãe na vigência do HIV/Aids. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 63, n. 3, p. 371-376, jun. 2010. DOI: 10.1590/S0034-71672010000300004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/VRkfZ4HtH9mYNbKf5XBwDMy/>. Acesso em: 6 set. 2025.

HOFFMANN, I. C; SANTOS, W. M; PADOIN, S. M. M; BARROS, S. M. O. A five-year review of vertical HIV transmission in a specialized service: cross-sectional study. **São Paulo Medical Journal**, São Paulo, v. 134, n. 6, p. 508–512, 2016. DOI: 10.1590/1516-3180.2016.0139140616. Disponível em: [SciELO Brasil - A five-year review of vertical HIV transmission in a specialized service: cross-sectional study A five-year review of vertical HIV transmission in a specialized service: cross-sectional study](https://doi.org/10.1590/1516-3180.2016.0139140616). Acesso em: 6 set. 2025.

KLEINÜBING, R. E; LIPINSKI, J. M; PEREIRA, F. W; FONSECA, A. D; CHAGAS, Maria C. S; ILHA, S. Puérperas soropositivas para o HIV: como estão vivenciando a não amamentação. **Revista de Enfermagem UFPE online**, v. 8, n. 1, p. 107-113, jan. 2014. DOI: 10.5205/1981-8963-v8i1a9612p107-113. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/9612>. Acesso em: 05 de set. 2025.

LENZI, L; SOUZA, V. R; WIENS, A; MACIEL, K. F; RODRIGUES NETO, J; PONTAROLO, R. Adesão à terapia antirretroviral durante a gestação e sua relação com a efetividade na prevenção da transmissão vertical do HIV. **Acta Biomédica Brasiliensia**, ISSN-e 2236-0867.v. 4, n. 2, p. 12–20, 2013.

LIMA, C. N.; RÊGO, H. C. L. J.; MORAES, L. P. Aleitamento materno: a visão de puérperas soropositivas para HIV e HTLV quanto a não amamentação. **Nursing** (São Paulo), v. 22, n. 248, p. 2583-2586, 2019. DOI: <https://doi.org/10.36489/nursing.2019v22i248p2583-2586>.

MACHADO, J. H. R; GOULART, T; SILVA, P. L; RIBEIRO, E. B; SILVA NETO, J. D. Política em saúde pública: a restrição do aleitamento materno com mães portadoras do HIV. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 9, p. 87727–87741, 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n9-097. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv7n9-097>. Acesso em: 6 set. 2025.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem.

- Texto & Contexto – Enfermagem**, v. 17, n. 4, p. 758-764, out./dez. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). *Aleitamento materno*. Portal Saúde de A a Z. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/a/aleitamento-materno>. Acesso em: 05 de set. 2025.
- NISHIMOTO, T. M. I; ELUF NETO, J; ROZMAN, M. A. Transmissão materno-infantil do vírus da imunodeficiência humana: avaliação de medidas de controle no município de Santos. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 54–60, 2005. DOI: 10.1590/s0104-42302005000100021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-42302005000100021>. Acesso em: 6 set. 2025.
- SILVA, L. P; BARBOSA, S. M. M. L; RODRIGUES, L. M. C; FURTADO, É. Z. L; CARVALHO FALCÃO, S. M. A; SILVA, A; ALENCAR, L. N. Gestantes positivas para HIV e a não amamentação: um estudo epidemiológico. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 17, p. e170111738133, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i17.38133. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i17.38133>. Acesso em: 6 set. 2025.
- SOUZA, A. L. T. D; SILVA, M. M. B; PEREIRA, G.S; SILVA, H.C. L; BARBOSA, I. M. S; SANTOS, L. S. P; SILVA, M. E. A. P; SOUZA, W. M. S. Supressão do aleitamento materno: o cuidado de enfermagem às puérperas com HIV. **Observatório de la Economía Latinoamericana**, v. 22, n. 9, p. e6865, 2024. DOI: 10.55905/oelv22n9-176. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/oelv22n9-176>. Acesso em: 6 set. 2025.
- SOUZA, F. L. P. A impossibilidade de amamentar: sentimentos atribuídos às mães com sorologia positiva para o HIV. **Revista Eixos Tech**, v. 5, n. 1, 2018. DOI: 10.18406/2359-1269v5n12018148. Disponível em: <https://doi.org/10.18406/2359-1269v5n12018148>. Acesso em: 6 set. 2025.
- SOUZA, N. O. A impossibilidade de amamentar em gestantes portadoras do HIV: uma revisão de literatura. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Enfermagem Obstétrica) – **Escola de Enfermagem**, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/33713>. Acesso em: 07 de abril de 2025.
- VALLORY, L. C. Transmissão vertical do HIV: um estudo de caso. **Revista Eixos Tech**, v. 6, n. 1, 2020. DOI: 10.18406/2359-1269v6n12019226. Disponível em: <https://doi.org/10.18406/2359-1269v6n12019226>. Acesso em: 6 set. 2025.
- bZAPPAROLI, L.; SANTOS, L. P.; RUBIO, A. V. Confronto entre desejos: amamentar x proteger o filho. Sentimentos de mulheres soropositivas sobre a impossibilidade de amamentar – uma revisão integrativa. Sínteses: **Revista Eletrônica do SIMTEC**, n. 6, p. 202-202, 2016. DOI: <https://doi.org/10.20396/sinteses.v0i6.8>